

## ***Cisne Negro***

Cisne Negro (Black Swan)

Diretor: Darren Aronofsky

EUA, 2010

Denise Maia\*

O *ballet*, através de seu ritmo espontâneo e fascinante, toca o inconsciente e envolve a todos a que o assistem. Mas, se apenas repete em sua coreografia gestos tensos e petrificados, torna-se vazio e sem vida.

No filme o Cisne Negro este é o convite do coreógrafo e diretor Thomas à bailarina Nina, para que ela represente o papel principal de rainha dos cisnes no clássico “O lago do cisne” de Tchaikovsky, mas de uma forma arrebatadora jamais encenada até então.

Convém lembrar que este clássico conta a estória do príncipe Siegfried e da princesa Odette, cujo feitiço a tornou um cisne para sempre. Pela impossibilidade de estarem juntos, matam-se ao final para estarem unidos na eternidade.

Nina é uma das bailarinas da companhia de *Ballet* que vive obstinadamente para a dança, buscando o reconhecimento e um lugar de evidência. Ela vive com sua mãe autoritária e super-protetora, que espera da filha o sucesso que compense suas frustrações por ter renunciado à carreira de bailarina. O caminho natural de incentivo e apoio para que Nina consiga o desejado sucesso toca a ferida materna.

Seria melhor o fracasso?

Assim, a ambiguidade permeia esta relação mãe/filha, o que aprisiona Nina num complexo materno que a impede de crescer e descobrir o mundo adulto.

Começam então os exaustivos ensaios dirigidos pelo enérgico coreógrafo que pressiona Nina para que ela busque a perfeição. Incessantemente ele repete que a perfeição não é apenas controle a partir da técnica e que é preciso se deixar conduzir pela emoção, transformando meros movimentos rítmicos em gestos vindos da alma.

Este é o grande desafio da jovem bailarina: Nina precisa juntar a experiência do cisne branco, em sua pureza e ingenuidade, à do cisne negro, em seus aspectos sombrios e perigosos por serem ainda desconhecidos dentro de si.

O cisne, ave símbolo da pureza, traz uma epifania viva da luz em seu lado cândido, mas também uma outra luminosidade: o negro da noite. Quando há uma síntese destes dois elementos, o cisne representa um mistério sagrado, tornando-se o pássaro da vida.

Como poderá a bailarina arrebatá-lo se ela não se entrega corajosa e perigosamente à experiência do cisne negro?

Para isto ela precisa vivenciar, “à flor da pele”, a passagem do cisne branco ao negro, e ser tocada em seu coração.

É preciso se entregar à paixão e se deixar seduzir, o que sem dúvida traz perigos. Este confronto com o lado sombrio, ainda não vivenciado por ela, a expõe ao seu lado mais primitivo e selvagem.

O pesadelo da bailarina se personifica na figura de duas colegas: a veterana Beth que precisa abandonar a companhia e sofre um acidente tornando-se mutilada e a jovem Lily, sedutora, que se permite viver transgressões o que assusta Nina pois a confronta com um lado obscuro e ameaçador.

Ao começar a entrar em contato com todos estes conteúdos, Nina é tomada por complexos e é acometida por uma imensa angústia. Assim, seu lado negro, essência de sua feminilidade, aflora sem controle e Nina é tomada por aspectos sombrios, começando uma transformação física, mental e psicológica. A alucinação passa a estar presente e não se sabe mais o que é realidade e o que é fantasia, numa profunda e

perturbadora experiência. Há um intenso sofrimento físico e mental acompanhado de surtos paranóicos, num misto de fascínio, horror e loucura. Começam a surgir fendas, arranhões e sangramentos no corpo da bailarina que prenunciam a iminente transformação em cisne negro.

A dança clássica em sua realização transcende a consciência através de uma força simbólica suprapessoal. O *ballet*, através de sua natureza gestual, permite a unidade paradoxal de aspectos conscientes e inconscientes, numa diferenciação espontânea e individual do artista que precisa se manifestar na sua criação.

Nos ritmos flutuantes da dança, um jogo de forças e opostos (aberto/fechado, fora/dentro, ar/terra, peso/leveza) vão sendo realizados como movimentos arquetípicos que constituem um diálogo entre o sagrado e o profano. Uma celebração do *mysterium coniunctionis* simbolizando os mistérios de morte e de renascimento.

Vai acontecendo, na parte final da encenação, o ápice da trama que é representado pelo último salto da bailarina que vai de encontro ao seu destino.

Há uma crença mística de que o cisne branco moribundo, melancólico e apaixonado canta na hora de sua morte como auto-sacrifício, símbolo da realidade suprema de um desejo.

Será que a suposta morte de Nina ou quem sabe apenas de seu personagem, nos mostra o efeito avassalador do inconsciente e a impossibilidade de transformação?

Ou será que numa representação metafórica da realidade é preciso acontecer a morte do cisne branco para que surja em sua plenitude o cisne negro?

**Denise Maia** é psicóloga especializada em psicologia da arte, analista didata do Instituto Junguiano de São Paulo-IJUSP da Associação Junguiana do Brasil-AJB.

**Email:** [maia Denise@terra.com.br](mailto:maia Denise@terra.com.br)

